

## **Eixo temático**

2. Educação no Campo e Políticas Públicas

## **Título**

# **EXODO RURAL: A MIGRAÇÃO DE RIBEIRINHOS DO BAIXO RIO BRANCO PARA A CIDADE DE CARACARAÍ NA DÉCADA DE 1990**

## **Autor(es)**

Abraão Jacinto Pereira<sup>1</sup>  
Francisco Marcos Mendes nogueira<sup>2</sup>

## **Instituição**

LEDUCARR/UFRR

## **Palavras-chave**

Migração; Ribeirinhos; Baixo Rio Branco e Caracará/RR

## **Resumo**

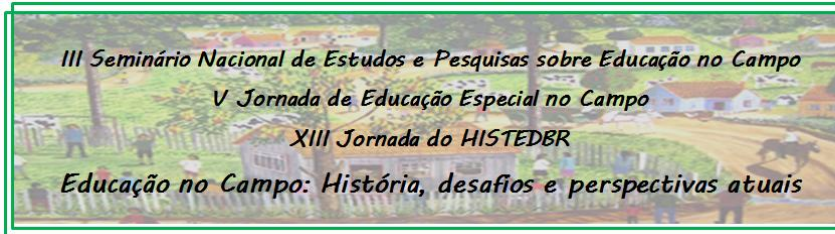
Este artigo expõe relatos orais coletados durante a pesquisa de campo com os migrantes do baixo rio branco residentes em Caracará e abre uma discussão sobre o êxodo rural de ribeirinhos do baixo Rio Branco. O propósito deste artigo é compreender o Êxodo rural – e as causas e os efeitos que influenciaram na saída da Região do Baixo Rio no período da década de 1990; e analisar as condições sociais atual dos imigrantes que se encontram na cidade de Caracará/RR. Nos relatos orais buscamos compreender o processo do êxodo, ou seja, os deslocamentos dessas famílias. Foi possível ter uma visão espacial desses dois mundos “o rural ribeirinho” e “o urbano moderno”, também foi possível observar que apesar de alguns afirmarem não ter mudado seus hábitos e costumes eles contradizem quando questionados sobre como se deu a sua adaptação na cidade, deixando evidentes as transformações de identidade sociocultural dos migrantes nesse processo.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação do Campo – LEDUCARR/UFRR com habilitação em Ciências Humanas e Sociais - CHS

<sup>2</sup> Historiador pela UFRR. Professor Colaborador do LEDUCARR/UFRR. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



## Texto Completo

No início do ano de 2013 quando desci o baixo Rio Branco, pela segunda vez, comecei a perceber um número expressivo de pessoas que haviam migrado para as cidades de Caracará/RR e Barcelos/AM. Essa percepção trouxe algumas inquietações, tais como: qual os motivos que favoreceram a migração dos ribeirinho para o ambiente urbano, em particular a cidade de Caracará, estado de Roraima?

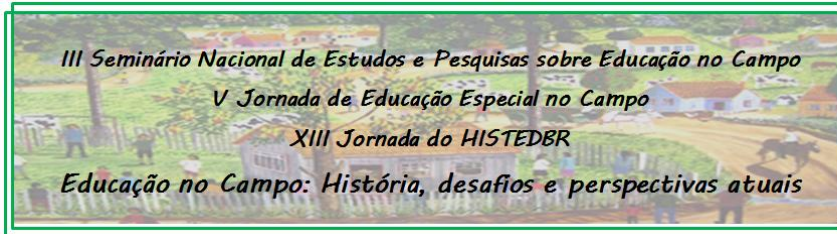
Ao retornar para a cidade de Caracará, ainda, nutrindo no coração as inquietações que a viagem provocara, isto é, a saída de vários ribeirinhos para a cidade, busquei identificar algumas famílias que haviam migrado para Caracará. Foi, portanto, a partir daí, que nasceu o desejo de pesquisar sobre o tema e conseqüentemente, o presente trabalho.

Assim, o propósito deste artigo é compreender as motivações que influenciaram a saída da Região do Baixo Rio Branco no período da década de 1990; e analisar as condições sociais atuais em que os migrantes que se encontram na cidade de Caracará/RR.

O baixo Rio Branco é praticamente todo ocupado por populações ribeirinhas tradicionais. E buscando contribuir para a definição do conceito de população ribeirinha, Arruda (1999, p. 79-80) infere que populações ribeirinhas são aquelas que:

Apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente, de base sustentável... Em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal da propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente.

O ribeirinho integra o grupo das populações tradicionais, logo, esse grupo social tem uma relação íntima com a natureza, mediados por temporalidade e espacialidade própria. Buscando estabelecer através dessa relação de integração homem-natureza, e, não uma relação de dominação. Caracterizando um modo todo peculiar de vida e de viver, o qual liga-se diretamente a natureza. Faz-se necessário perceber esse sujeito



social, o ribeirinho, não como aquele que vive a margem do rio, porém, aquele sujeito que é capaz de estabelecer uma relação de integração e respeito para com a natureza.

É Mister destacar que os conceitos como êxodo e migração não são sinônimos. As migrações, no Brasil, tiveram um caráter acentuadamente compulsório, os migrantes na sua maioria são vistos como sujeitos expropriados e, por isso, ha uma constante busca de trabalho, renda e melhores condições de vida.

Nesse contexto, o presente artigo não toma a migração ou o êxodo como um fenômeno natural e/ou espontâneo; mas sim engrenhados elementos estruturas, sociais, econômicos e culturais. Ademais, a saída de ribeirinho do baixo Rio Branco geram consequências socioculturais e de reordenamento espacial da região.

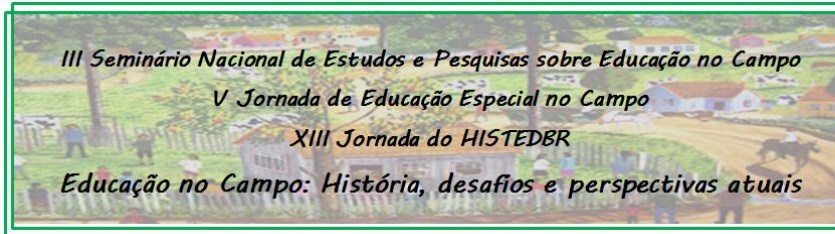
Acreditamos que o deslocamento populacional não pode ser visto como algo mecânico ou natural através dos fatores de expulsão e/ou de atração. A saída do migrante se da por diversos motivos e fatores que imbricam em elementos objetivos e subjetivos, mas que invariavelmente são e estão dentro de um contexto social historicamente determinado.

Neste prisma, é preciso considerar que a migração é um:

(...) fenômeno complexo essencialmente social com determinações diversas, apresenta interações particulares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta que tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas, para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam (SALIM Apud VALE, 2005, p. 24)

Entendendo migração como um fenômeno complexo e de variante social, o presente trabalho traz como fonte principal a metodologia da história oral, visto que o relato oral é mediado pela memória. Entendendo a memória como a capacidade do indivíduo em reter ou guardar elementos do vivido e do percebido, visto que, o registro pela memória denota justamente o interesse do indivíduo em querer guardar as lembranças do passado.

Ecléa Bosi (2006, p. 46) escreve que o ato de lembrar significa “(...) vir à tona o que estava submerso”. Destaca-se que a memória não é uma fonte inesgotável, já que sobre ela exerce a força do tempo. E como fonte oral foi utilizado quatro (04) narrativas de migrantes do Baixo Rio Branco, foram eles: Sr. Euclides, de setenta e dois anos (72),



nascido no Baixo Rio Branco na vila de Terra Preta, região que desde 1942 pertencia ao Município de Moura (AM) e, que, com a criação do município de Caracaraí em 1955 passou a pertencer a esse município; Sr. Francisco de Assis de trinta e oito anos (38), nasceu na extinta vila de Aratucuna na região de Cachoeirinha, Baixo Rio Branco; Sr. Manoel Alves de sessenta e um (61) anos, nascido em Carauarí (AM); e a Sr<sup>a</sup> Maria Eunice, 32 anos, nascida em Coarí (AM), mas que residia em Sacai Baixo Rio Branco.

Opta-se pela narrativa oral, pois como metodologia aborda a memória, tanto coletiva como individual. Contudo, ressalta-se que é o indivíduo que recorda e é chamado a narrar os elementos *mnemônicos*. Le Goff (2003, p. 525), argumenta que “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada”. Essa força é operada temporalmente e espacialmente. Vale mencionar que as escolhas não são ingênuas ou desinteressadas.

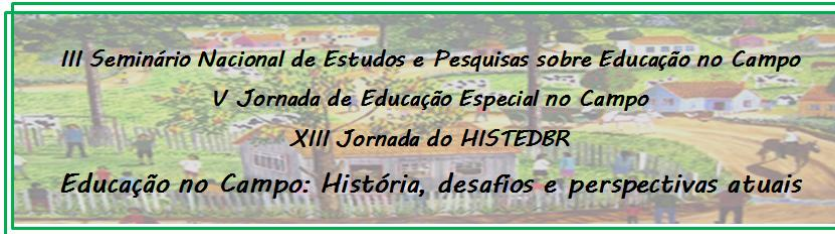
Portanto, nesta interface da memória individual e social, o uso da metodologia da História Oral neste trabalho, se dá pela dinâmica que ela carrega e representa. Os relatos orais nos permitem aliar a história escrita ao depoimento oral criando compressões e impressões que desafiam a subjetividade e, é capaz de descortinar o que está oculto, o adormecido ou esquecido.

Thompson (1992, p. 17) disserta sobre a contribuição:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. [...] A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Desse modo, utilizamos à entrevista como ferramenta para obtenção das narrativas de história oral. Alberti (2004, p. 11) afirma que “[...] a entrevista de história oral nos leva para além do conhecimento de uma versão do passado e nos permite aprender algo sobre a realidade”. A discussão entre as narrativas orais e as teorias nos dá o aporte necessário para compreender a saída de ribeirão do Baixo Rio Branco.

Para Paul Thompson (1992) a fonte oral permite desafiar a subjetividade, deslocar as camadas de memória, na expectativa de atingir a verdade oculta, portanto, o trabalho com a história oral tem-se a consciência de que algumas questões, tais como: as



fontes orais não podem ser tomadas como uma verdade absoluta do narrado, mas, por meio da linguagem, constitui-se numa percepção por parte do narrador.

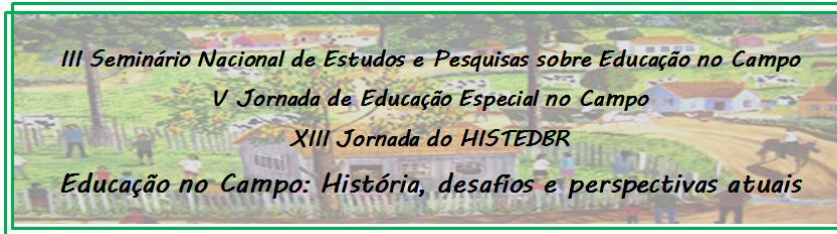
Posto isso, o presente trabalho toma a História Oral “um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos” (DELGADO, 2006, p. 15). A metodologia da história oral fornece elementos que possibilitam constituir uma documentação com o intuito de “reconstruir” o passado, por meio de novas versões do fato vivido.

### **Sítio da Pesquisa**

O estado de Roraima é parte integrante da Amazônia, não fugindo à regra dos processos históricos de ocupação da região. Logo, o Baixo Rio Branco, situa-se na região Amazônica, dentro da bacia hidrográfica do rio Branco no estado de Roraima, Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1981), o Baixo Rio Branco vai do Município de Caracará (vila Vista Alegre) até a foz do rio Branco. Na região estudada no presente trabalho, estão localizadas as Vilas: Sacai, Terra Preta, Lago Grande, Canauni, Cachoeirinha, Caicubi, Panacarica, Remanso, Dona Cota e São Jorge (Caracará).

A população do Baixo Rio Branco é de 2.325 habitantes. Esse universo representa 12,64% da população do município que é de 18.398 habitantes (IBGE, 2010).





para desaparecer uma comunidade é preciso um longo período de evasão, e no caso dessa região não temos apenas uma comunidade extinta ou em processo de extinção o que evidencia um êxodo rural contínuo.

### **ENTRE O NARRADO E O PERCEBIDO... A migração de ribeirão do Baixo do Rio Branco para a cidade de Caracarái /RR**

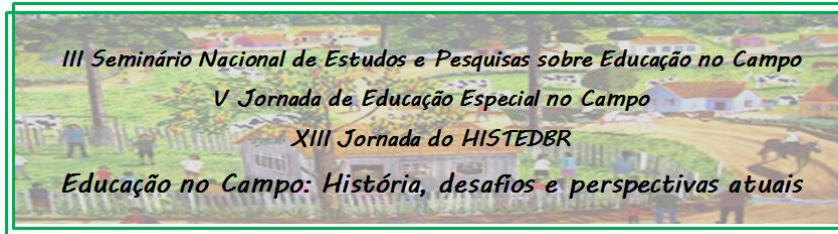
Quando trabalhamos com estudo do tempo presente, o relato oral se apresenta como uma ferramenta atraente, uma vez que a memória não é única e, pois vivemos em um mundo coletivo e a memória de cada indivíduo retrata a sociedade em quem vive sua cultura e forma de pensar de seu povo, e usar os relatos orais em uma pesquisa de história é retratar uma sociedade a partir da visão dos indivíduos que a compõem, é ver os problemas de dentro pra fora, é viver a realidade daquele local e daquela determinada época.

A grande maioria dos pesquisadores que se dedicam à produção por meio de fontes orais – história oral – infere que mesmo quando o indivíduo que relembra – o lembrador – apresenta uma perspectiva, uma visão de mundo única, essa só lhe foi possível dentro dos quadros sociais em que está inserido. Com base nisso, podemos afirmar que não existem memórias individuais – na essência do termo –, mas sim, memórias coletivas com possibilidades de individualização. A memória coletiva não é a simples sobreposição de memórias individuais, visto que estas raramente convergem – mesmo entre membros de um mesmo grupo. (...) Sem sociedade, sem relações sociais, não existiria memória. (PICOLI, 2010, p. 170).

Esse estudo reforça a afirmação de Picoli, quando nos relatos orais é possível perceber a forma como os ribeirinhos migrantes narram as lembranças de onde viviam, não há particularidade, existe uma pluralidade é como se todos vivessem a mesma rotina na mesma vila, e hoje eles sobrevivem de formas diferentes, retratado assim o interrompimento da cultura base e a fusão com novos costumes.

O Sr. Euclides, um antigo morador do baixo rio Branco, que hoje aos setenta e um (71) anos vive em uma casa na margem do rio Branco na cidade de Caracarái, quando indagado sobre que lembrança lhe vem em mente quando ele vê o rio ou vai à orla, ele narra: “*eu lembro das pescarias, caçar, tirada de madeira, caçar pirarucu, matar peixe. (risos..) Hoje eu sinto saudade daquilo mesmo, das tartarugas boiando*”.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Quando faço a mesma pergunta a outro ex-morador do baixo rio Branco o Sr. Francisco antigo morador do baixo rio branco que hoje vive com sua família na cidade de Caracarái, ele narra destacando suas lembranças da seguinte forma: “A pesca, os pássaros, os maguaris, as garças, o rio.” É possível identificar a semelhança em que essas pessoas vivam apesar de terem vivido em comunidades diferentes.

Com a migração houve uma mudança brusca de cultura, essas pessoas vivem outra realidade muito diferente da que viviam antes. E conforme Bagli (2001, p. 81) essa mudanças são causadas pelas diferenças entre os espaços, pois “as contradições expressas nos espaços rurais e urbanos, que embalam o incessante movimento de construção, destruição e reconstrução de realidades”.

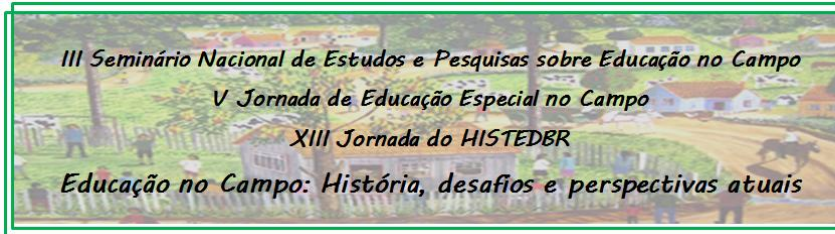
Isso fica claro quando nos depoimentos eles narram às atividades que desempenharam ao chegar aqui; Sr. Euclides “*Trabalhar de enfermagem, ai eu larguei fui pra Secretaria de Administração, da Administração eu fui pra Policia Civil lá era auxiliar operacional de serviços diverso*”. (Sr. Francisco): “*A minha primeira experiência foi enfrentar a crise do desemprego, estava desempregado, vivendo à custa dos meus pais, e aos pouco comecei trabalhar em projetos, entrar nos projetos da CUT (Central Única dos Trabalhadores) dando aula na CUT, alfabetização solidária, foi o primeiro emprego que pintou pra mim*”.

Nesses relatos ficam claras as mudanças, o grau de dificuldade para se adaptarem, os problemas enfrentados como cita o senhor Francisco, “O desemprego” isso é uma resposta da cidade a mão-de-obra não qualificada dos migrantes, nesse momento de crise é que muitos optam por o que vier, e em alguns casos acontecem à marginalização, pois o desemprego abre porta para o mundo do crime.

O baixo Rio Branco foi desde o início da colonização a via de acesso da região do Planalto das Guianas. Iniciou-se por Pedro Teixeira com o desbravamento da região e seguiu por longos anos. A região teve seu auge na Era da Borracha, época que os seringalistas estabeleceram-se nas margem do rio Branco formando pequenas povoações que deu início as vilas, e apesar do êxodo nas últimas décadas, algumas ainda sobrevivem.

O sistema de povoamento da região Amazônica deu-se pelas vias fluviais, sempre contribuindo para o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas e o





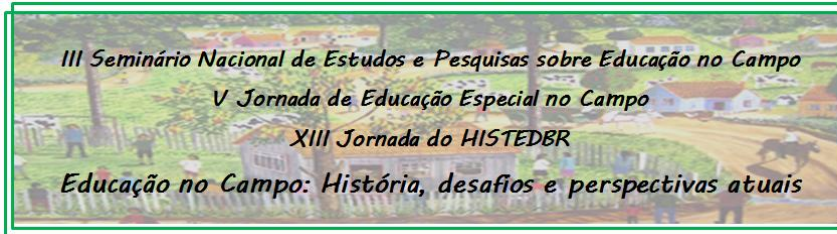
aculturação dos povos tradicionais. Os soldados da borracha foram os responsáveis pelo enriquecimento da cultura dos povos tradicionais, formando comunidades ribeirinhas com diferenças em alguns aspectos e semelhanças em outro das comunidades tradicionais indígenas.

Com o fim da Era da Borracha o baixo rio Branco perdeu sua influência externa, porém continuou sendo importante para o estado, visto que a única via de acesso para o estado ainda era o rio Branco. Com o surgimento do transporte aéreo nacional essa via manteve sua importância, pois os o rio era a porta de entrada de produtos manufaturados e de escoamentos de matéria prima produzidas no antigo território.

O Plano de Integração Nacional do governo federal, tinha um sistema de ocupação para a Amazonia diferenciado, visto que o governo militar visava a melhoria na logística do perímetro da fronteira da Amazonia brasileira e visava a criação de projetos de assentamento humano nas áreas de influência das principais rodovias que estavam sendo construídas na região, esses projetos formavam a chamada “Espinha de Peixe” que eram um conjunto de vicinais nas margem das rodovias, cobrindo toda a faixa que segundo o projeto de Reforma Agrária é destinado a áreas de colonização e as demais para latifundiários.

No estado de Roraima foi construída uma rodovia para ligar Manaus a Boa Vista, com a construção da BR-174 e o antigo território de Roraima troca sua via de acesso de fluvial para terrestre, isolando as comunidades ribeirinhas e desenvolvendo a terra firme. Assim a construção da rodovia divide a linha histórica do baixo Rio Branco em dois período, o primeiro período que vai da colonização até o a construção da BR-174 e o segundo período que inicia com a construção na década de 70, mas se define com a pavimentação na década de 90 e continua até hoje. O primeiro período é caracterizado pelo povoamento da região, o segundo pelo êxodo e o desaparecimento de diversas comunidades ribeirinhas.

Durante o período em que o baixo Rio Branco era a rota comercial de Roraima, os habitantes da região vendiam seu produtos do extrativismo para atravessadores e comerciantes que usavam a rota, um exemplo era a firma JR. Araújo que estabeleceu armazém em vilas do baixo Rio Branco como Vista Alegre e Santa Maria do Boiaçu. Essas filiais serviam como distribuidoras de produtos manufaturados e posto de compra



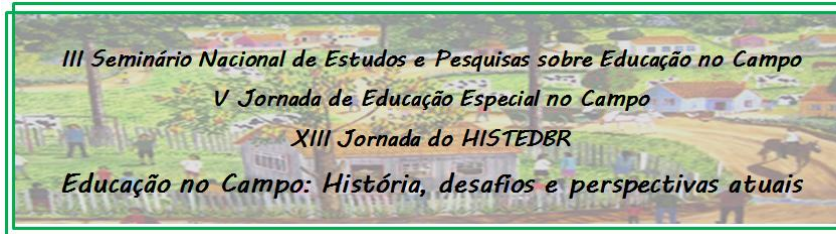
de matéria prima, como pescado e castanha do Brasil. Com a pavimentação da rodovia essas vilas deixaram de ter importância estratégica para o estado, e por esse motivo os investimentos que antes eram direcionados para esses núcleos urbanos foram direcionados para as vilas e cidades que foram construídas ao longo da nova rodovia, exemplo foi o que aconteceu com Rorainópolis uma agrovila que iniciou com o estabelecimento de um escritório regional da 25-Superintendencia do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária –INCRA e tornou-se a segunda mais populosa cidade do estado.

A migração campo/cidade em Roraima tem aumentado gradativamente à medida que áreas são isoladas e outras se desenvolvem, isso é percebido no baixo rio Branco que perdeu seus habitantes para outras regiões do estado do Amazonas e de Roraima, isso se deu pela construção e a pavimentação da rodovia BR-174, visto que a região deixou de ter sua importância estratégica para o desenvolvimento do estado, pois ela deixa de ser a principal via de acesso entre o planalto das guianas e o restante do país, o mesmo problema acontecem atualmente em antigos Projetos de Assentamentos do governo federal, é o grande ator responsável é o meio de transporte para escoamento da produção, ou seja, quando isola a via de acesso, para o desenvolvimento, e acontece o êxodo.

Vários são os fatores que contribuem para o êxodo rural – tanto em direção à sede do município quanto à Boa Vista: solo pouco apropriado para agricultura, sistema de colonização sem o correto assentamento e estradas vicinais que não atendem às necessidades de escoamento da produção agrícola. Deve-se registrar que, originalmente, os principais atrativos para o fluxo migratório eram a abundância de terra e madeira existente na região, que, a princípio, propiciariam a atividade agropecuária e a extração vegetal. (BRASIL, 2005).

O relatos da Sr.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Eunice reforçam o que o Plano de Desenvolvimento Sustentável afirma acima, Ao relatar os motivos de sua vinda para Caracaraí a Sr.<sup>a</sup> Maria Eunice faz a seguinte reflexão: “*Antes eu achei que era mais bom de se viver, por caso que lá era mais difícil para trabalho, essas coisas, a gente tinha que trabalhar na roça essas coisas, e o que a gente trazia de lá era ruim até pra vender, ai a gente achava que era mais fácil.*”

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



O extrativismo animal encontra na ictiofauna ornamental um dos principais vetores econômicos da região Sul do município, ocupado por um contingente populacional da ordem de 1.800 habitantes, ou 12,64% da população total. (BRASIL, 2005).

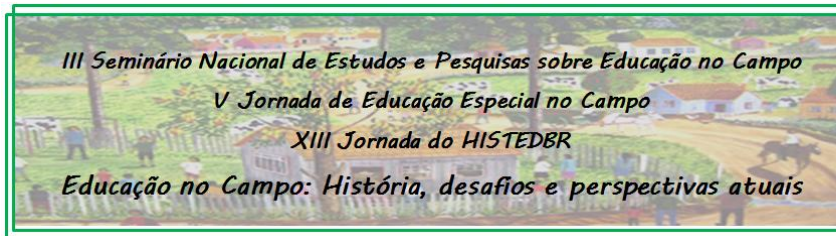
Na entrevista com o Sr.º Manoel ao ser indagado sobre outras famílias que migraram para Caracarái ele faz um relato alarmante, *“Praticamente umas dez (10) famílias só, e também mais da minha família mesmo, desse pessoal de Cachoeirinha, Caicubi, esse pessoal conheço alguns também.”* Para o senhor Manoel o número é pouco, porém se calcularmos pelo número de filhos das famílias entrevistadas é possível que nessas dez famílias citadas tenham em torno de mais de 100 pessoas, número significativos para uma pequena comunidade ribeirinha.

O motivo da migração dos ribeirinhos não está apenas na rentabilidade econômica, ele está ligado a outros fatores políticos-sociais mais importantes. O Sr.º Francisco ao narrar sobre o que motiva as pessoas a saírem do Baixo Rio Branco ele fez a seguinte afirmativa: *“É sempre o estudo, o estudo está em primeiro lugar.”* Coadunando com o Sr.º Francisco o Sr.º Euclides narra que: *“[...] remédio e educação tu tem mas não é adequada”*. E Santos (1979, p. 303) afirma que: *“Não se vai à cidade, forçosamente, para encontrar trabalho imediatamente e não é exclusivamente o pagamento, em seu valor absoluto, que conta.”* Por esses motivos a solução do êxodo não é a equiparação de renda e sim investimentos nos setores bases do desenvolvimento humano (saúde, educação e bem-estar social).

## **Resultados e Discussões**

A migração das populações ribeirinhas é um processo característico de regiões isoladas na Amazônia, ou seja, onde a ausência das políticas públicas tem estagnado o desenvolvimento local ou regional. Todo fluxo migratório tem seu fator mobilizador que nesse caso varia de fatores ambientais a socioeconômicos.

A população precisa ser mobilizada socialmente para que seja atraída pela sociedade moderna. Diante das novas possibilidades de participação social, ela se coloca disponível para a emigração. Esse processo de mobilização social dos migrantes, em direção à sociedade moderna, é o que define a migração e faz dela um processo que se



estende desde o lugar de origem até a integração do migrante no lugar de destino. (BRITO, 2009, p. 10).

Ao usarmos o método de constituição de fontes através dos relatos orais, tivemos a oportunidade única de construir o passado de cada pessoa pesquisada a partir de suas narrativas. De acordo com Le Goff (2003, p. 419) “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. E utilizar a memória dos migrantes foi crucial para debatermos o êxodo rural do Baixo Rio Branco a partir de quem o vivenciou.

Foi possível perceber nos relatos orais que os motivos que provocaram a suas saídas do Baixo Rio Branco foram diversos, tem casos de ordem familiar, política e econômica, porém os sonhos dessas pessoas em virem pra Caracaraí compartilham uma singularidade, que é a melhoria nas condições sociais e intelectuais, ou seja, ele vem em busca da tão sonhada Educação que chega à maioria das comunidades ribeirinhas apenas no nível fundamental.

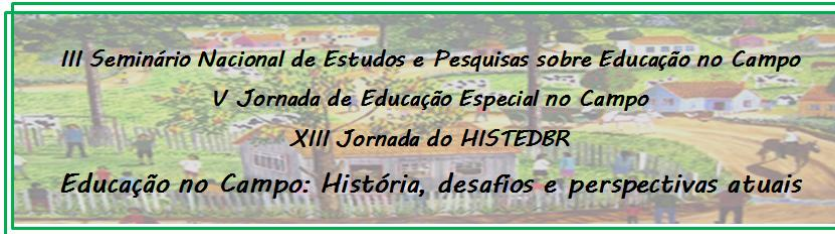
Todos eles confirmaram terem realizados seus sonhos, e nenhum deles pretende voltar a residir onde moravam. Essa questão é relevante, visto que temos uma população migrando para a cidade, profissionalizando e que não estão preocupados em retornarem a suas comunidades de origem e dar sua contribuição no desenvolvimento local. Quando esses retornos não acontecem à tendência é que ascensão dos migrados contribui para engrossar a fileira do êxodo.

Essas pessoas que não retornam são as que foram dominadas pelo urbanismo, ou seja, pelo estilo de vida urbano. Esse estilo de vida atravessa a fronteira do meio urbano e chega ao rural através dos meios de comunicação e contribui com o êxodo rural.

Esse modo de vida concretiza-se além dos limites das cidades, através do encantamento em relação às influências que estas exercem por meio do poder de suas instituições e personalidades, através de instrumentos de comunicação e transporte. (ENDLICH, 2006, p. 19).

As causas mobilizadoras do êxodo do baixo rio branco tem sido a ausência de políticas públicas na área da educação, saúde e infraestrutura, transporte e logística, como confirma o relato de Dona Maria Eunice: “o que a gente trazia de lá era rui até

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



pra vender”. Coadunando com o de Dona Maria Eunice o Sr. Francisco disserta que: “rapaz estudei só até o fundamental, estudamos só o fundamental, só tinha o fundamental”. Com mais de 300km de distancia de Caracaraí a região mais povoada do Baixo rio Branco tem apenas uma escola estadual que oferta o Ensino Médio, e essa escola está na vila de Santa Maria do Boiaçu, as demais vilas não tem escolas que oferta o ensino médio, e tem sido o motivo de muitos jovens e suas famílias virem para Caracaraí e Barcelos, Novo Airão e Manaus e Boa Vista.

Atualmente, em consequência do período tecnológico e em função da falta de elasticidade do emprego, as pessoas deixa o campo sem parar necessariamente na cidade local. As facilidades de transportes impelem os migrantes potenciais para as cidades regionais onde o setor terciário é mais elástico e, principalmente, direto para as grandes cidades.

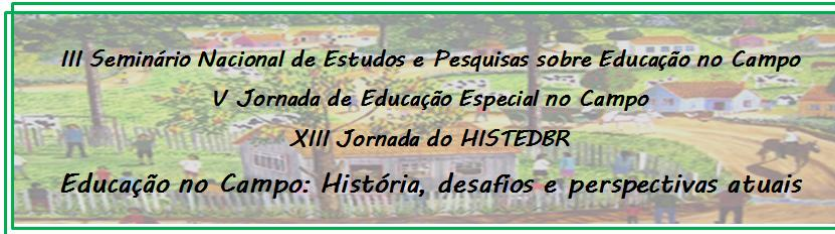
Por esse motivo a migração no Baixo Rio Branco não atingiu apenas a cidade de Caracaraí e sim todos os polos urbanos no entorno da região que é visto pelos migrantes com atrativos motivacionais para a saída de sua terra natal.

Entre as funções urbanas que determinam as áreas de atração, as atividades culturais e educativas merecem atenção especial, porque podem, sem certos casos, permitir que cidades especializadas tenham áreas de atração mais vastas e menos previsíveis que a sua “massa” econômica justificaria. (THÉRY, 2009, p. 183).

E como já foi citada anteriormente a Educação é o principal motivo das famílias que migram do baixo Rio Branco. Isso se da pelo motivo de que nem todas as comunidades ribeirinhas têm escolas e das comunidades que tem escola em apenas uma há escola com nível médio.

### **Considerações Finais**

Nesse artigo buscamos através dos relatos orais, descrever a recente história da migração dos ribeirinhos de diversas vilas da região do baixo rio Branco no município de Caracaraí para a sede a cidade de Caracaraí, essa migração que por ser entre área rural e urbana ela se configura como êxodo rural.



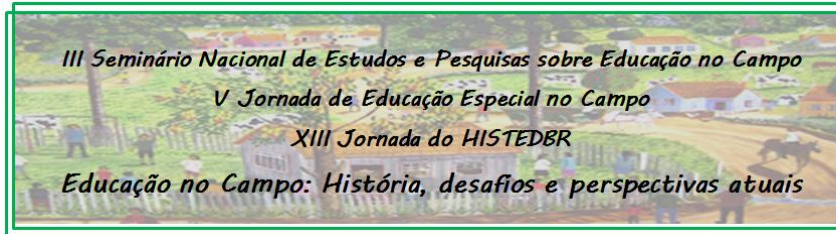
Os relatos orais afirmaram que esse êxodo de fato aconteceu e acontece até hoje, e que famílias inteiras saíram de suas terras de origem em busca de melhores condições de vida, em busca de educação, saúde e bem-estar-social.

Convém ressaltar que o Baixo Rio Branco sofre com a ausência de investimentos do Estado nas áreas do transporte, produção, educação e saúde. E é essa ausência de investimento o principal ator mobilizador no êxodo dos ribeirinhos. E enquanto os governos não investem no Baixo Rio Branco eles são obrigado a investir nas periferias da capital e de cidades do interior como Caracaraí, visto que esses migrante continuarão colaborando para o inchamento das periferias dessas cidades em Roraima e também de cidades como Barcelos e Manaus que são vitimas desse mesmo êxodo por localizarem próximas a região.

Essa pesquisa nos proporcionou sintetizar esse passado através dos relatos orais dessa região que teve seu lugar na economia roraimense e foi o pilar para a ocupação, crescimento e desenvolvimento do nosso estado. Exclui esse passado da história de Roraima relatado através de narrativas orais de quem viveu na região e fez parte da migração rural/urbana, seria, no entanto um grave erro para o conhecimento e compreensão da historiografia regional.

A formulação de propostas políticas públicas de desenvolvimento com a participação da sociedade e a implementação na região contribuirá para o desenvolvimento local que tem forte potencial para o ecoturismo, e para o extrativismo vegetal, políticas publicas de desenvolvimento nessas áreas conduzirão o desenvolvimento socioeconômico da região para um patamar mais satisfatório, e conseqüentemente pode estagnar o êxodo rural desta região.

Além do que, acreditamos que ao ouvir os relatos dos migrantes e conhecer os modos de vida – o antes e o depois da migração –, foi fundamental para compreendermos sobre as sociedades ribeirinhas e sua cultura, bem como as questões identitárias desses povos.



## Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 11 p.

ARRUDA, Rinaldo. “Populações Tradicionais” e a proteção de recursos naturais em Unidades de Conservação. In: **Ambiente & Sociedade:** ano II, n 5, 1999. 79-80 p

BAGLI, Priscilla. **Conflitos no campo:** as fases da violência na luta pela terra. 2001. 81 p. Monografia (Bacharel em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp Presidente Prudentes, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 46 p.

BRASIL. **Lei nº 2.495, de 27 de Maio de 1955.** Fixa a divisão administrativa e judiciária do Território Federal do Rio Branco. Disponível em [www.cameradeputados.gov.br](http://www.cameradeputados.gov.br). Acessado em 15 de Agosto de 2014.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Plano de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Município de Caracaraí (RR):** FGV/ISAE, 2001. 30 p.

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil:** um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009. 10 p.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 15 p.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas Sobre o Urbano e o Rural. IN: WHITACKER, A. M. (Org.); SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidade e Campo:** relações e contradições entre urbano e rural. 1. Ed. São Paulo - SP: Editora Expressão Popular, 2006. 19 p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). **Atlas de Roraima.** Rio de Janeiro, 1981.

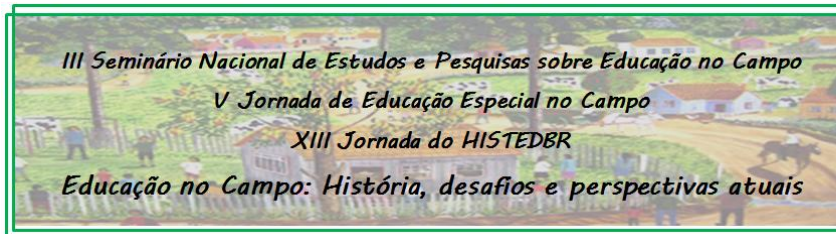
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). **Censo Demográfico 2000.** Rio de Janeiro, 2000.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / tradução de Bernardo Leitão.. [et al.]. – 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. 499 e 525 p.

MAGALHÃES, M.G.S.D. Uma visão sobre os ribeirinhos do Baixo Rio Branco - Roraima. MAGALHÃES, M.G.S.D. (Org.); SOUZA, C. M. (Org.). **Roraima/Boa Vista:** Temas sobre o regional e o local. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



PICOLI, Bruno A. Memória, história e oralidade: **Memosine** Revista. Volume 1, nº 1º, Jan/Jun – 2010. 170 p.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**: Os dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 1º ed., Livraria Francisco Alves editora S.A, 1979. 304 p.

THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida de. **Atlas do Brasil**: Disparidades e Dinâmicas do Território. – 2ª ed., 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 183 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALE, Ana Lia Farias. **O “Ceará” em Roraima - migração de cearenses: 1980-1999**. Jaboticabal/SP: FUNEP, 2005.

### **Fontes Orais**

Euclides Gomes dos Santos, natural do baixo rio Branco, município de Moura – AM (Atual Caracaraí-RR).

Entrevista gravada no dia 20 de julho de 2014, Rua Júlio Melo, Nº 179 – Município de Caracaraí.

Francisco de Assis de Matos, natural do baixo rio Branco, uma vila de nome Aratucuna região de Cachoeirinha município de Caracaraí-RR.

Entrevista gravada no dia 20 de Julho de 2014, Rua D 4, nº 105, Santa Luzia – Caracaraí.

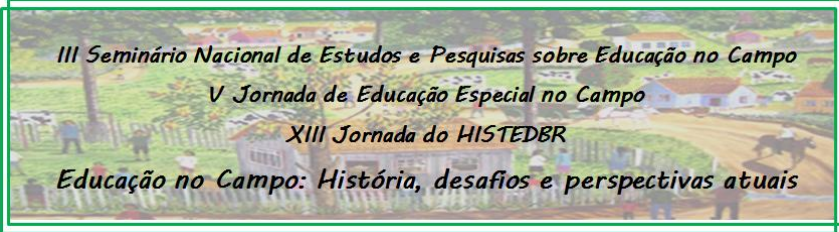
Manoel Alves dos Santos, natural de Carauari – AM.

Entrevista gravada no dia 20 de Julho de 2014, Av. Bem Querer, Nº 664 – Caracaraí.

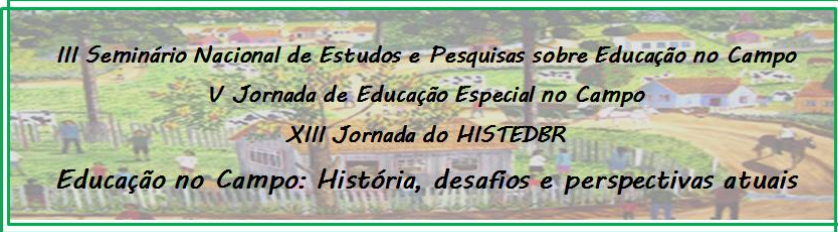
Maria Eunice de Moura da Silva, natural de Coari – AM.

Entrevista gravada no dia 20 de Julho de 2014, Rua T 17, Nº 120 – Caracaraí.





**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**

